

Enlouquecer para punir: loucura na tragédia grega

Resumo: Na tragédia grega, a relação deuses/homens se estabelece pela piedade que esses últimos devem ter para com os primeiros; o homem impiedoso é punido, muitas vezes, com a loucura. Intentamos, pois, analisar a demência humana nas tragédias *Agamêmnon*, de Ésquilo, *Ájax*, de Sófocles, e *Hércules e Bacantes*, de Eurípides, cujas personagens enlouquecem para, em seguida, serem aniquiladas pelos deuses.

Palavras-chave: tragédia grega; deuses; humanos; loucura.

Abstract: In Greek tragedy the relationship between gods and humans is established through piety that the latter should devote to the former ones. The impious is often punished with insanity. My intention here is to analyze human dementia in *Agamemnon* by Aeschylus, *Ajax* by Sophocles and *Heracles and Bacchae* by Euripides whose characters went insane, and, afterwards, were annihilated by the gods.

Keywords: Greek tragedy; gods, humans; madness.

Compartilhamos com a ideia de Ruth Padel (1992), no seu livro *In and out of the mind: greek images of the tragic self*, que associa o fenômeno da consciência ao fenômeno da religião. Nessa perspectiva, a relação entre o humano e o divino se constrói por meio da piedade e da veneração que os homens devem ter para com os deuses, a fim de obter seus favores e suas graças. Dessa forma, uma espécie de contrato é estabelecido entre ambos. Cabe, pois, ao homem cumprir sua parte no contrato por meio dos gestos de piedade demonstrados nos sacrifícios, na aceitação do divino em sua vida etc. Caso contrário, os deuses punem, com rigor e violência, a desmedida humana. Por meio da desmedida, o homem provoca o deus que, por sua vez, irá incutir-lhe uma espécie de loucura temporária. É na alternância da consciência com a loucura que, no *Agamêmnon*, de Ésquilo, Cassandra expressa sua loucura enviada por Apolo; que no *Ájax*, de Sófocles, a deusa Atena

envergonha o herói homônimo fazendo-o louco; e, por fim, que no *Hércules* e nas *Bacantes*, de Eurípides, a loucura é um “bem” que vem de fora, enviado por um deus.

No centro do espaço em que as performances trágicas irão ter lugar, no século V a.C., encontramos a estátua do deus Dioniso: o deus do vinho, do teatro e da loucura. As três atribuições feitas ao deus se relacionam, todas elas, com a característica efêmera lançada sobre o deus. Único deus dentre os deuses que morre para renascer na primavera, Dioniso é a imagem arquetípica da vida (in)destrutível, como nota KERÉNYI (2002), pois continuamente renasce. O teatro de Dioniso, em Atenas, reafirmava essa certeza, a cada ano, por meio das encenações, não somente o renascimento do deus, mas também a reestruturação da *pólis*, que se harmoniza e se renova por ocasião do festival. Podemos afirmar que por ocasião do festival, a loucura toma conta da cidade, tal como representada na ação trágica, pois o que o espectador assistia no teatro de Dioniso era ao que pode causar o desequilíbrio do homem e, portanto, da cidade, preocupação maior dos seus cidadãos. A cidade compreendida, nesse contexto, em toda sua dimensão: política, econômica, social, cultural, religiosa etc. A loucura relacionada a um deus, como bem reconhece Platão, no *Fedro* (244a), pode ser um bem:

Se fosse admissível, sem restrição de qualquer espécie, que o delírio é um mal, seria muito justa semelhante assertiva; porém a verdade é que os maiores bens nos vêm do delírio, que é, sem a menor dúvida, uma dádiva dos deuses. A profetisa de Delfos e as sacerdotisas de Dodona, em seus delírios prestaram inestimáveis serviços à Hélade, tanto nos negócios públicos como nos particulares; ao passo que em perfeito juízo pouco fizeram, ou mesmo nada (...) os antigos, que deram o nome a tudo, não acharam que delírio fosse qualquer coisa de feio ou desonroso. De outro modo, não teriam entrelaçado esse nome com a mais nobre das artes, a que permite predizer o futuro, com denomina-la manikê, mania; foi por a considerarem algo belo, sempre que se manifesta por dispensação divina, que a designaram desse modo. Porém os modernos, por carecerem do sentimento do belo, intercalaram um “t”, com o que ficou chamada mantikê, arte divinatória ou mântica.

A concepção platônica vê na loucura a possibilidade de obtenção das maiores coisas, apesar de sabermos que o ateniense da época de Platão não comunga de tal visão, uma vez que via a loucura com certo descrédito, uma espécie de *óneidos*, termo que podemos traduzir por injúria. Devemos pensar que Platão se referia a uma loucura especializada, daí atribuí-la a um deus. Com isso, como bem observa Dodds,

Platão não é da opinião de que é melhor ser louco do que mentalmente são, de que é melhor ser doente do que sadio. O filósofo estabelece quatro tipos de loucura, conforme a mudança, em nossas costumeiras normas sociais, forjada de maneira divina:

1. Loucura profética, cujo deus é Apolo;
2. Loucura ritual, cujo deus responsável é Dioniso;
3. Loucura poética, inspirada pelas Musas;
4. Loucura erótica, inspirada por Afrodite e Eros.

Se há uma loucura divina, como frisa Platão, existe um outro tipo de loucura, de tipo comum, causada por doença, diferindo da loucura divina, como Heródoto (6.75-80) alude à loucura de Cleômenes. Tendo sido chamado de volta a Esparta para ter o mesmo poder de antes, Cleômenes, que já havia demonstrado certo desequilíbrio mental, foi acometido de loucura, e passou a espancar o rosto, com seu bastão, de todos os espartanos que cruzavam seu caminho. Vendo-o agir assim, como um alucinado, seus parentes mais próximos mandaram imobilizá-lo com uma trava de madeira. Tal feito irá levá-lo à própria morte, causando divisões de opiniões acerca dela. Para uns, a causa da morte tem motivações divinas, para outros, está relacionado com o fato de ele ter passado a beber excessivamente por causa de seu convívio assíduo com os citas, resultando daí a sua loucura.

A história de Cleômenes traz um dado relevante quanto às causas sobrenaturais, mas não benéficas - como quer Platão -, e naturais da loucura. Outro exemplo que nos dá Heródoto, diz respeito à loucura de Cambises a quem atribui uma doença "sagrada" por excelência ou epilepsia que sugere a intervenção de um *daímon*, alternando com a cólera e crises de delírios que lhe permitem matar as esposas e muitos persas. Desse modo, diz-nos Heródoto: não é inverossímil, então, que em um corpo gravemente enfermo o espírito não tenha podido permanecer sadio.

Parece-nos, então, que a mente doente é proporcional a um corpo doente, como podemos exemplificar por meio da personagem Ajax a quem a deusa Atena enlouquece. Na sua loucura, Ajax fala uma linguagem sinistra que nenhum mortal lhe ensinou, mas um *daimon*, como nos diz Sófocles nos versos 243 e 244.¹ A fala de Ajax, na perspectiva de Tecmessa, desviada da normatividade linguística também afeta parte do seu corpo. Desse modo, a linha divisória entre a insanidade comum e a loucura profética é, na verdade, difícil de se estabelecer.

Nas *Bacantes*, Tírsias, o adivinho cego, une o báquico e o louco, como a plenitude do corpo, pois quando o deus vem pleno ao corpo faz

os enlouquecidos dizer o futuro. A loucura profética que Platão menciona, em *Fedro*, cujo patrono é Apolo, inspira a loucura de Cassandra, no *Agamêmnon*. Ao passar diante da estátua de Apolo, entrando em Argos, sem explicação plausível, começa a gemer invocando o deus:

Otototoi pópoi dā
Ópollon, ópollon (1072)²

Perguntada por que deplora por Apolo, mais uma vez vocifera: *otototoi pópoi dā ópollon, ópollon*. E transgride a norma, numa loucura profética, pois a Apolo não convém presidir lamúrias, como lembra o Coro (v.1078). E prossegue no seu pranto e profetização inútil:

Ió pópoi! O que se trama?
Que nova dor é esta? Grande,
grande mal se trama neste palácio
insuportável para os seus, incurável,
a defesa ausente está longe. (1100-1104)

E as palavras de Cassandra, tão claras que até uma criança poderia compreendê-las, soam como oráculos mal interpretados pelos humanos. Mesmo o Coro, que tão bem conhece a língua grega, como diz Cassandra, não compreende a quem se destina o ardil que Clitemnestra engendra. A demência de Cassandra, advinda do castigo de Apolo, torna-a louca para os outros, mas mantém a consciência de si. A inspiração profética que lhe impinge a demência a arruína física e socialmente, visto que suas palavras não têm efeito, não podendo sequer evitar sua própria morte.

No *Ájax*, de Sófocles, um deus também é responsável pelo delírio da personagem homônima. Nos versos 278-280, o Coro reconhece tal verdade, referindo-se à loucura de Ájax:

(...) E temo que do deus
um golpe tenha vindo: como não, se, apaziguado,
não está nada melhor que quando doente?³

E o Mensageiro completa mais adianta, nos versos 756 e seguintes, mencionando uma sentença profética e a ira de Atena sobre Ájax:

exacerbados e inúteis seres
caem sob pesados reveses dos deuses,

(...) quem quer que, com natureza humana nascido,
depois não pensa como homem.

Todo aquele que não se comporte como homem, na sua condição de contentamento, em relação a tal condição, pode atrair o ciúme da divindade. O excesso de Ájax e sua imponderação atçaram o ânimo da deusa Atena, conduzindo-a a agir severamente contra ele ao mesmo tempo em que engendra seu destino, pois de acordo com o deus, todo homem gargalha ou lamuria.

Em desacordo com um deus, todo homem somente lamuria. É o excesso de Ájax que obriga a deusa Atena enevoar sua visão, arrastando-o para a loucura. Assim como Dioniso faz com que Penteu suba a montanha, a fim de fazer uma dança (seria loucura?) ritual (a dança da montanha *oreibasía*) e encontre sua desgraça, bem como a responsabilidade de Hera pelo delírio de Hércules por intermédio da Lyssa, a deusa da loucura.

Hera quer atá-lo à derrama de sangue familiar
através do assassinio dos filhos; o mesmo quero eu.

Mas eia! Retoma teu inflexível coração,
virgem filha da negra Noite,
e sobre este homem, a loucura, a puericida
perturbação de espírito e o saltar de seus pés,
impele, move. (v. 831-837)

Lyssa, nascida do sangue de Urano e da Noite, tem funções que desagradam até mesmo aos deuses. *Lýssa*, *manía*, espécies de loucura, *hamartía*, a falta trágica, *áte*, a perdição, são causas dos danos causados ao herói. No canto IX, da *Ilíada*, um erro de cálculo, ou melhor, um engano enviado pelos deuses, confunde Agamêmnon, que é acometido de um intolerável sofrimento. Ao convocar uma assembleia, o chefe do exército grego, gemendo profundamente, dirige as seguintes palavras aos argivos:

Ó amigos, regentes e comandantes dos Argivos!
Grandemente me iludiu Zeus Crónida com grave desvario,
Deus duro!, que antes me prometera inclinando a cabeça
que eu regressaria a casa depois de saquear Ílion de belas muralhas.
Mas agora congeminou um dolo maldoso e manda-me
voltar sem glória para Argos, depois de ter perdido tanto povo. (v. 17-22)⁴

A palavra *áte* é, aqui, traduzida por desvario ao lado de grave, *ba-reíei*, como qualificativo do tipo de loucura a que os deuses submetem Agamêmnon. Mais à frente, Agamêmnon, dirigindo-se a Nestor, reconhece a loucura advinda de Zeus:

Ó ancião, não foi com mentiras que narraste os meus desvarios.
Fiquei desvairado, nem eu próprio o nego. De valor igual a
muitas hostes é o homem que Zeus amou no coração, tal como
agora o honra e destrói o exército dos Aqueus. Visto que
desvairarei e cedi a funestos pensamentos, quero desagrává-lo e
oferecer presentes gloriosos. (v. 115-118)

Agamêmnon, após a loucura em forma de *áte* enviada por Zeus, recupera sua saúde mental e reconhece o desagravo cometido ao deus. Assim, fica convencido do poder divino e admite a piedade como algo que o homem deve ter em relação ao divino. Dessa forma, a loucura não é compreendida como alguma coisa que está na mente, mas como algo que, vindo de fora, obscurece a visão do homem impedindo-o de distinguir entre o bem e o mal.

Na mesma perspectiva, a recusa de Cassandra às investidas do deus Apolo, como vimos no *Agamêmnon*, de Ésquilo, é a causa da sua ruína e da sua demência, da mesma forma, a cegueira de Ajax, que o impede de matar os chefes gregos, Agamêmnon e Menelau, fazendo com que o herói confunda os chefes gregos com animais, e a loucura temporária de Penteu, que faz com que esse se vista de mulher para conhecer a possessão dionisíca, bem como o enlouquecimento de Hércules são tramas divinas que redundam em mortes. E, diante da morte, a loucura seria, nos casos supracitados, a metade do caminho que o herói deve seguir até chegar ao que objetivam os deuses, pois, como bem intitula o livro de Padel, quando o deus quer destruir um mortal, antes ele o enlouquece. Nesse sentido, Apolo, Atena, Dioniso e Lyssa são os co-responsáveis pela loucura e, conseqüentemente, pelas mortes de Cassandra, Ajax e Penteu. Em relação a Hércules, apesar de parecer que um deus não é a razão do seu desatino, mantém, todavia, uma aproximação.

Notas

5. Trata-se das palavras de Tecmessa, concubina de Ajax, que descreve a loucura do esposo. Pela descrição de Tecmessa, as palavras proferidas pelo marido, durante a crise, são de origens divinas, não humanas.

6. Todas as traduções do *Agamêmnon* são de Jaa Torrano.
7. Todas as traduções do *Ájax* são de Flávio Ribeiro de Oliveira.
8. Tradução de Carlos Alberto Nunes.

Referências

- Dodds, E.R. *Os gregos e o irracional*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002.
- Ésquilo. *Orestéia I*. *Agamêmnon*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- Eurípidés. *Hércules*. Tradução de Cristina Rodrigues Franciscato. São Paulo: Pallas Athena, 2003.
- _____. *Bacas*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Hucitec, 1995.
- Heródotos. *História*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: EdUnB, 1988.
- Homero. *Iliada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- Pade, R. *In and out of the mind: greek images of the tragic self*. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- Sófocles. *Aias*. Tradução de Flavio Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Iluminuras, 2008.

